

A Psicanálise e o triunfo da Religião

Hugo Brandão*

Resumo

Há uma intrínseca relação entre a psicanálise e a religião que precisa ser compreendida para que melhor consigamos entender o fenômeno religioso nos dias atuais. Analisaremos a Religião a partir da psicanálise, em especial, refletindo acerca da concepção de Pai, primeiro em Freud, e Pai simbólico em Lacan, bem como a formação da função paterna e seu papel de alteridade e de fundamentação e legitimação na cultura Ocidental. Discutiremos as concepções de ambos os autores citados sobre suas respectivas projeções do futuro da religião e apresentaremos que as evidências científicas apontam para um triunfo da mesma nos dias atuais.

Palavras-chave: Religião; Freud; Lacan; Psicanálise; Lebrun.

Psychoanalysis and the triumph of Religion.

Abstract

There is an intrinsic relationship between psychoanalysis and religion that needs to be understood so that we can better understand the religious phenomenon today. We will analyze Religion from psychoanalysis, in particular, reflecting on the conception of the Father, first in Freud, and the symbolic Father in Lacan, as well as the formation of the paternal function and its role of alterity and of foundation and legitimation in Western culture. We will discuss the conceptions of both authors mentioned about their respective projections of the future of religion and we will present that the scientific evidence points to a triumph of religion in the present day.

Keywords: Religion; Freud; Lacan; Psychoanalysis; Lebrun

El psicoanálisis y el triunfo de la Religión.

Resumen

Hay una relación intrínseca entre el psicoanálisis y la religión que necesita ser comprendida para que podamos entender mejor el fenómeno religioso hoy. Analizaremos

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (2019). Tem Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas (2010). Professor do Instituto Federal de Alagoas. hugo.brandao@ifal.edu.br
<http://lattes.cnpq.br/2511182719855807>. <http://orcid.org/0000-0001-9665-089X>

la Religión desde el psicoanálisis, en particular, reflexionando sobre la concepción del Padre, primero en Freud, y del Padre simbólico en Lacan, así como la formación de la función paterna y su papel de alteridad y de fundamento y legitimación en la cultura Occidental. Discutiremos las concepciones de ambos autores mencionados sobre sus respectivas proyecciones sobre el futuro de la religión y presentaremos que la evidencia científica apunta a un triunfo de la religión en la actualidad.

Palabras clave: Religión; Freud; Lacan; Psicoanálisis; Lebrun

Introdução

Tanto a religião institucionalizada quanto as diversas experiências religiosas desenrolam-se ao longo do processo de desenvolvimento das civilizações, sendo objeto de pesquisas e discussões e, também, é extremamente relevante para o campo psicanalítico. Freud (2018) defende que a cultura¹ produz um mal-estar nos seres humanos, pois existe um antagonismo intransponível entre as exigências da pulsão² e as da civilização. Para que haja o desenvolvimento da civilização é necessário que os indivíduos paguem o preço da renúncia da satisfação pulsional, isto é, a vida em sociedade exige a renúncia dos desejos individuais por outros mais conciliatórios com a coletividade, visto que, o processo civilizatório é caracterizado pela renúncia e pelo sentimento de insatisfação que os indivíduos experimentam vivendo em sociedade, resultando disso o mal-estar produzido pelo conflito entre as exigências pulsionais e as restrições da civilização (GONTIJO, 2010, p. 17).

Freud (2018) descreve o anseio dos indivíduos pelo pai e pelos deuses em função de uma tarefa tríplice: “[...] exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que

¹ Vale salientar que para Freud, diferentemente de outros pensadores de tradição germânica, não existe distinção entre cultura (Kultur) e civilização (Zivilisation). Segundo ele, com a expressão “civilização humana [...] quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais – e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização [...]” (FREUD, 2018, p.10).

² “Termo surgido na França em 1625, derivado do latim *pulsio*, para designar o ato de impulsionar. Empregado por Sigmund Freud a partir de 1905, tornou-se um grande conceito da doutrina psicanalítica, definido como a carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem. A escolha da palavra *pulsão* para traduzir o alemão *Trieb* correspondeu à preocupação de evitar qualquer confusão com instinto e tendência. Essa opção correspondia à de Sigmund Freud, que, querendo marcar a especificidade do psiquismo humano, preservou o termo *Trieb*, reservando *Instinkt* para qualificar os comportamentos animais” (ROUDINECO; PLON, 1998, p. 628).

uma vida civilizada em comum lhes impôs” (FREUD, 2018, p.29). Para ele, o indivíduo é originalmente mal: “são criaturas entre cujos dotes pulsionais deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade” (FREUD, 2018, p. 133) e, por isso, a civilização tradicionalmente utiliza determinados mecanismos com intuito de controlar essa agressividade e força destrutiva dos indivíduos, caso da religião ou, por exemplo, da filosofia, da arte, da moral. Isto é, para ele, a civilização impõe limites à satisfação pulsional e o sujeito tem hostilidade para com “a civilização pela pressão que ela exerce, pela renúncia da pulsão” (FREUD, 2018, p. 26).

Trata-se da sobrevivência da civilização, pois, segundo Freud “todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização” (FREUD, 2018, p.11), uma vez que, ela impõe um alto grau de renúncia pulsional e os indivíduos tendem, naturalmente a rejeitar essa renúncia em função de sua necessidade, pulsional, de realização do desejo (que, como vimos, acentuou-se imensamente com o advento da pós-modernidade). Não para por aí, Freud ainda discorre acerca de um outro fator de ameaça à civilização: “o fato de estarem presentes em todos os homens tendências destrutivas e, portanto, antissociais e anticulturais [...]” (FREUD, 2018, p.11), tendências essas que a religião já leva em consideração em suas regulações.

No entanto, vale ressaltar que mesmo para Freud, a religião não é somente uma instância normativa que determina restrições e que obstaculariza a satisfação pulsional, uma vez que, a religião à medida que obstaculariza, restringe, proíbe, ela também promete aos indivíduos compensações (FREUD, 2018, p.30); promete recompensar os indivíduos que se sujeitam as suas normas.

Normas essas que, na sociedade ocidental, foi sustentação para o desenvolvimento da civilização tal como conhecemos hoje, sendo garantidora da própria civilização como um todo.

Portanto, segundo Freud (2018), os ideais culturais têm por objetivo unir os membros da comunidade, vincular os indivíduos por meio de uma meta comum, visando evitar, também, desta forma, que eles se destruam uns aos outros e a si mesmos. E, logicamente, nesses ideais culturais, também encontrarão satisfação narcísica. Esses ideais culturais que visam unir os indivíduos são a religião, a arte e a ciência. Discorrendo mais especificamente acerca da religião, objeto deste trabalho, ela faz parte destes apoios para tornar tolerável o desamparo humano.

Freud afirma que a natureza do homem exige este tipo de controle para que ele possa viver em sociedade. Dessa forma, se a religião fosse

extinta, inevitavelmente, o homem criaria outro sistema de doutrina com as mesmas características para se defender. A essência da atitude religiosa é a busca pelo remédio para a sensação de insignificância diante do universo. E, caso o homem abandonasse de vez a religião teria que admitir para si mesmo que é desamparado no mundo e que não há uma providência que lhe criou e ampara. A força da religião reside, portanto, em sua função tamponadora do real (GONTIJO, 2010, p. 17). Além de ter como função abrandar a angústia que a consciência da finitude da vida provoca nos indivíduos, ou seja, os indivíduos buscam na religião uma resposta ilusória às questões insolúveis do sofrimento e da morte.

Neste contexto, podemos recorrer à psicanálise, como instrumento e veículo de entendimento do fenômeno religioso e/ou experiências religiosas, para buscarmos compreender o que motiva os indivíduos a construir um mundo simbólico religioso ao longo da história. Destarte, como vimos, a religião, ainda hoje, mesmo que com menos força que no passado, no sentido das religiões institucionais tradicionais, continua como reguladora de grande parte da sociedade, contendo e inibindo o desejo, por exemplo. E, como a psicanálise nos ensina, o desafio do longo e difícil processo de humanização é, *a priori*, o de reprimir e conter a força primitiva do desejo (LACAN, 1988). O desejo do indivíduo encontra limite num outro desejo individual e isso humaniza, pois, o indivíduo se depara com o limite e perde sua “sensação” de onipotência. Para compreendermos vejamos o que Lacan nos aponta acerca dessa força do desejo:

[...] realizar seu desejo coloca-se sempre numa perspectiva de condição absoluta. É na medida em que a demanda está para além e para quem de si mesma, que, ao se articular com o significante, ela demanda sempre outra coisa, que a satisfação formulada se estende e se enquadra nessa hiância, que o desejo se forma como o que suporta essa metonímia, ou seja, o que quer dizer a demanda para além do que ela formula. E é por isso que a questão da realização do desejo se formula necessariamente numa perspectiva de Juízo Final (LACAN, 1988, p. 353).

Portanto, ter domínio sobre si mesmo, técnica construída para otimizar a realização de desejo (no sentido de realizar sobre eles um trabalho de atenuação), caracteriza a primeira empresa do primitivo, na instituição da civilidade. O sujeito que se depara com o desejo do outro sujeito e tem que conter seu desejo, demanda pulsional complexa, que move poderosa

e violentamente o psiquismo, depara-se com o limite. Essa complexidade compreende, antes de qualquer coisa, uma ambivalência pulsional, que se configura num polo agressivo-sexual e em outro egóico-social (ARAUJO, 2013).

Partiremos, também, dos preceitos lacanianos constituídos em meados do século XX, em especial os apresentados em *O Seminário, livro 5 - As formações do inconsciente* (1999), no qual, ele defende o sintoma como uma metáfora criada com base na mensagem invertida que vem do Outro, uma objeção ao “*Che vuoi?*”, enigma do desejo do Outro.

Este conceito de “Outro”⁴ em Lacan é usado para designar um lugar simbólico – o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus – que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intrassubjetiva em sua relação com o desejo. Pode ser simplesmente escrito com maiúscula, opondo-se então a um outro com letra minúscula, definido como outro imaginário ou lugar da alteridade especular (ROUDINECO; PLON, 1998, p. 558). Já em relação ao conceito de sintoma em Lacan, ele cunhou esse termo (sinthoma) para descrever a noção já conhecida da palavra e acrescentar, expandindo seu sentido comum, a noção de revelação dos restos oriundos do real (1998, p. 541).

³ Tal expressão utilizada por Lacan foi retirada do conto de J. Cazotte: *Le diable amoureux*. “*Che vuoi?*” – que em italiano quer dizer “que queres?”, dito pela cabeça de camelo horrenda e enorme, no conto de Cazotte, representação do diabo, eis a questão que lança o sujeito pela via do desejo. Pois o personagem do conto invoca o diabo em busca de respostas, mas este lança uma questão. Questão sobre o desejo do homem. O desejo do homem é o desejo do Outro, nos disse Lacan em vários momentos de seu ensino. No seminário 8, sobre a transferência, isso é posto da seguinte forma: o desejo, em sua raiz e essência, é o desejo do Outro (Cf. LACAN, 1992).

⁴ “Termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico — o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus — que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intra-subjetiva em sua relação com o desejo. Pode ser simplesmente escrito com maiúscula, opondo-se então a um outro com letra minúscula, definido como outro imaginário ou lugar da alteridade especular. Mas pode também receber a grafia Grande Outro ou Grande A, opondo-se então quer ao Pequeno Outro, quer ao pequeno a, definido como objeto (pequeno) a. Como todos os freudianos, Lacan situou a questão da alteridade, isto é, da relação do homem com seu meio, com seu desejo e com o objeto, na perspectiva de uma determinação inconsciente. Mais do que os outros, entretanto, procurou mostrar o que distingue radicalmente o inconsciente freudiano — como outra cena, ou como lugar terceiro que escapa à consciência — de todas as concepções do inconsciente oriundas da psicologia. Por isso é que cunhou uma terminologia específica (Outro/outro) para distinguir o que é da alçada do lugar terceiro, isto é, da determinação pelo inconsciente freudiano (Outro), do que é do campo da pura dualidade (outro) no sentido da psicologia” (ROUDINECO; PLON, 1998, p. 558).

A Psicanálise Lacaniana inovou, a partir de uma metodologia diferente de análise do trabalho de Freud, criou novos conceitos, além de ter criado uma técnica de análise própria; constituindo-se como um sistema de pensamento que promoveu diversas alterações em relação à doutrina e clínica propostas por Freud. Principalmente, em comparação a outros psicanalistas cujas teorias divergiram da proposta de Freud, ou seja, opondo-se aos pós-freudianos que promoveram a Psicologia do Ego⁵, ele propõe um retorno a Freud. Assim sendo, a sua teoria acabou se tornando uma espécie de revolução às avessas (BARATTO; AGUIAR, 2007). Como se fosse uma substituição ortodoxa da doutrina preconizada por Freud. Baratto e Aguiar, acerca dos pós-freudianos, sustentam o seguinte:

De fato, o lugar próprio que a psicanálise inaugurou, ordenado pela especificidade do conceito de inconsciente posto em curso por Freud, correu o risco de dissipar-se. Os teóricos da psicologia do ego, ao minimizarem os efeitos da descoberta freudiana, retrocederam a noções originadas na filosofia racionalista clássica, (re)colocando em cena a noção de inconsciente concebido como o lado obscuro e irracional das paixões da alma. Para os teóricos do ego, abriga-se, sob a denominação de inconsciente, toda sorte de comportamentos e de motivações postos à margem do ‘controle racional do ego’ (2007, p. 310).

O pensamento de Lacan introduziu a fenomenologia à teoria de Freud, isso com base em filósofos alemães, dentre eles Hegel, Husserl e Heidegger. Lacan, assim, acaba introduzindo a psicanálise ao campo da filosofia, não restando dúvidas que foi de extrema importância para os rumos da psicanálise por trazer contribuições teóricas importantes a partir da reformulação da teoria formulada por Freud. Buscou afastar a teoria freudiana dos mitos, sintetizando-as à estrutura para em seguida trazê-las para o campo do

⁵ “A rota de desvio praticada pela psicologia do ego em relação à psicanálise repousa, precisamente, no modo como foi por ela entrevisto o mais caro dos conceitos psicanalíticos: o inconsciente, bem como o recalque que o institui. Nesta escola, o inconsciente recebe formas e contornos que de modo algum se encontram presentes na obra freudiana, e é minimizado para conferir um lugar privilegiado ao ego, tido por racional, consciente, com função de síntese, denominada por Hartmann (1962) ‘função sintética do ego’. Concebido nesta teoria como o eixo ordenador central dos processos psíquicos, ao qual se deve o controle racional das condutas, o ego é descrito por Hartmann (1969, p. 112) como ‘[...] o ‘órgão’ especial de adaptação do homem’” (BARATTO; AGUIAR, 2007, p. 310-311).

significante (BARATTO; AGUIAR, 2007). Defendia que a tragédia de Édipo⁶ reflete a concepção da construção subjetiva, bem como a definição sexual. No entanto, confronta Freud defendendo que o conteúdo principal da tragédia repousa na figura do pai, fundamento da lei e do limite para o apetite do desejo (BARATTO; AGUIAR, 2007). Já Freud defendia que o amor da mãe e a rivalidade com o pai geravam sentimentos complexos que conviveriam com os indivíduos a vida toda, a saber: a inveja do pênis e a angústia de castração.

A necessidade da Religião

Segundo Freud (2013) a forma encontrada pelos indivíduos para enfrentarem a ameaça externa como, por exemplo, os fenômenos naturais que eram tidos como uma constante ameaça à sobrevivência, é o animismo, isto é, atribuir aos vários elementos da realidade uma alma que os torna vivos, como se fosse uma espiritualização do universo, trata-se de um sistema ou um conjunto hermético de explicações sobre os fenômenos que ocorrem no mundo. Freud (2013) chega a afirmar que o animismo é sistema mais completo e exaustivo enquanto compreensão de mundo, porém, esclarece que ele não é uma religião, e sim, que tem as condições prévias das quais se edificaram mais tarde as religiões. Pois, para Freud (2018), as ideias religiosas surgiram da mesma necessidade que tiveram todas as demais realizações da civilização, isto é, surgiram da necessidade de se proteger contra a força avassaladora da natureza; seja ela a natureza geográfica, a natureza espacial ou mesmo a própria natureza humana.

Freud interessou-se pela pesquisa acerca da origem da Religião, ele foi um insigne conhecedor da história das religiões. Em variados momentos de suas obras ele discorre sobre Religião e demonstra profundo conhecimento, tanto do livro sagrado dos judeus, quanto o livro sagrado dos cristãos. Segundo Jones, “Freud conhecia bem a Bíblia e estava sempre pronto a fazer citações de ambos os Testamentos [...] No todo, portanto, Freud possuía

⁶ Segundo Freud (2013), o Complexo de Édipo verifica-se quando um rapaz atinge o período sexual fálico na segunda infância e dá-se então conta da diferença de sexos, tendendo a fixar a sua atenção libidinosa nas pessoas do sexo oposto no ambiente familiar. Freud baseou-se na tragédia de Sófocles, “Édipo-Rei”, chamando Complexo de Édipo à preferência velada do filho pela mãe, acompanhada de uma aversão clara pelo pai. O complexo de Édipo é uma referência à ameaça de castração ocasionada pela destruição da organização genital fálica da criança, radicada na psicodinâmica libinal, que tem como pano de fundo as experiências libidinais que se iniciam na retirada do seio materno.

um conhecimento inusitadamente abrangente de várias crenças religiosas” (JONES, 1989, p. 346).

Neste sentido, Freud (2018) defendia que a religião e as experiências religiosas eram meras ilusões. Pois, para ele a religião, caso também da religiosidade, é ensinamentos e afirmativas sobre fatos e condições da realidade exterior ou interior que explicam ao indivíduo aquilo que ele não consegue compreender e/ou que ainda não descobriu por si só e por esse motivo há a exigência da fé. A religião e as experiências religiosas, no seu entendimento ilusões, decorrem dos desejos dos indivíduos, defendendo, por exemplo, que as doutrinas religiosas são meras ilusões psicológicas, as quais, não são passíveis a prova, logo, as doutrinas religiosas são um substituto ilusório a racionalidade.

Sobre Religião, Freud (2018) analisou, em especial, dois elementos: cultos (rituais) e a crença. Em relação aos cultos, Freud, remeteu-se às suas experiências clínicas e, segundo ele, a religião é uma neurose⁷ obsessiva universal. Para ele, os cultos são marcados por gestos repetitivos que buscam reconstruir uma “realidade alienada”, sendo encontrados em todos os períodos históricos e nas mais variadas culturas. Já em relação à crença, Freud analisa, principalmente, o Judaísmo e o Cristianismo. Segundo Cruz,

Freud concluiu que a religião apresenta-se como uma forma de neurose obsessiva universal: uma re-construção ‘alienada’ da realidade, expressa também em gestos repetitivos, que pode ser encontrada em todas as épocas e cultura. Em uma obra influente, *O futuro de uma ilusão*, ele argumenta que a religião não é propriamente um erro, passível de correção dentro da mesma forma de raciocínio, e sim uma ilusão: é fruto de um delírio da psique que projeta na realidade fantasmas de seus próprios recalques (2004, p. 50).

⁷ “Termo proposto em 1769 pelo médico escocês William Cullen (1710-1790) para definir as doenças nervosas que acarretavam distúrbios da personalidade. Foi popularizado na França por Philippe Pinel (1745-1826) em 1785. Retomado como conceito por Sigmund Freud a partir de 1893, o termo é empregado para designar uma doença nervosa cujos sintomas simbolizam um conflito psíquico recalcado, de origem infantil. Com o desenvolvimento da psicanálise, o conceito evoluiu, até finalmente encontrar lugar no interior de uma estrutura tripartite, ao lado da psicose* e da perversão. Em consequência disso, do ponto de vista freudiano, classificam-se no registro da neurose a histeria e a neurose obsessiva, às quais é preciso acrescentar a neurose atual, que abrange a neurose de angústia e a neurastenia*, e a psiconeurose, que abarca a neurose de transferência e a neurose narcísica. A expressão neurose de caráter provém da terminologia de Edward Glover e da doutrina de Wilhelm Reich, enquanto a noção de neurose de fracasso foi cunhada por René Laforgue, e a de neurose de abandono, pela psicanalista suíça Germaine Guex (1904-1984)” (ROUDINECO; PLON, 1998, p. 534-535).

Para ele, a características de sacrifícios nestas religiões, sobretudo, ligados a refeições, tendo os deuses como principal alimento, auxiliaram em sustentar o grupo unido. Desta forma, Freud desenvolveu, como veremos a seguir, a hipótese da horda primitiva de humanos (CRUZ, 2004). Tal hipótese freudiana é descrita por Cruz da seguinte forma:

[...] os filhos de um pai poderoso desejaram seu poder e sua posição de destaque, vindo por fim a assassiná-la e a se alimentar dele, buscando com isso adquirir sua força. Paradoxalmente, os filhos expiaram a culpa cultuando o pai, atribuindo-lhe um status divino, e rememorando o assassinato por meio de refeições cerimoniais nas quais o alimento seria o próprio Deus. Tendo consciência do processo, o homem poderia livrar-se da culpa e dispensar esse aspecto da religião (2004, p. 50).

Para Freud, a religião não é rigorosamente um engano, que pode ser corrigido, pois, trata-se de uma ilusão, que é consequência de um delírio da psique: idealiza-se na realidade ilusões de seus próprios recalques⁸. Segundo Freud, os gestos repetitivos, próprios dos cultos (rituais), fazem-se necessários para que os delírios se tornem aceitáveis no nível da consciência, são rituais obsessivos (FREUD, 2018).

A interpretação freudiana psicogenética da Religião se apoia no “complexo paterno”, isto é, consequência da morte do Pai primitivo. Para Freud, a Religião é em sua essência uma ilusão. Segundo ele, a Religião é “a realização dos desejos mais antigos, fortes e prementes da Humanidade, e que a sua força é a força desses desejos” (FREUD, 1905, p. 43).

Logo após explicar a origem do totem e as variadas formas de tabu, Freud, reconstituiu o mito da morte do Pai primitivo, percebendo neste as origens da mais antiga forma de Religião, o totemismo, tal como, da moral e da vida social. A religião origina-se do Complexo de Édipo da Humanidade, que é “o núcleo das neuroses”, daí o entendimento de Freud em relacionar a religião com a neurose (FREUD, 1996).

⁸ “Na linguagem comum, a palavra recalque designa o ato de fazer recuar ou de rechaçar alguém ou alguma coisa. Assim, é empregada com respeito a pessoas a quem se quer recusar acesso a um país ou a um recinto específico. Para Sigmund Freud, o recalque designa o processo que visa a manter no inconsciente todas as idéias e representações ligadas às pulsões e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer. Freud, que modificou diversas vezes sua definição e seu campo de ação, considera que o recalque é constitutivo do núcleo original do inconsciente. No Brasil também se usa ‘recalcamento’” (ROUDINECO; PLON, 1998, p. 647).

O Pai simbólico e o surgimento da Religião.

O mito do pai primitivo narra um acontecimento mítico em que os filhos assassinam e devoraram o próprio pai e põe fim à horda patriarcal. Depois de matarem o pai, os filhos desprezaram tal ação. Não aceitaram terem matado o próprio pai e, em seguida, criaram uma nova ordem social que se caracterizou pela exogamia, passaram a se casar com membros de grupos estranhos àquele a que pertenciam e pela proibição do assassinato do substituto do pai, figura representada pelo totem.

A morte do pai da horda teve como consequência o nascimento de um ideal que corporificava poder ilimitado do pai primitivo, o mesmo que havia sido assassinado pelos próprios filhos, e todos se submeteram a ele. Segundo Freud, este ideal atesta-se nas religiões, onde Deus representaria este pai primitivo e passaria influenciar na organização social (FREUD, 1996). Para Freud:

Embora o totem possa ser a primeira forma de representante paterno, o deus será uma forma posterior, na qual o pai reconquistou sua aparência humana. Uma nova criação como esta, derivada do que constitui a raiz de toda forma de religião — a saudade do pai — poderia ocorrer se, no decurso do tempo, alguma mudança fundamental se houvesse efetuado na relação do homem com o pai [...] (FREUD, 1996, p. 151).

Todavia, Freud, referindo-se a sua tese acerca da Religião, compreende que a mesma não é irrefutável, como afirma:

Não tem fundamento o receio de que a psicanálise, primeira a descobrir que os atos e estruturas psíquicas são invariavelmente supra determinados, fique tentada a atribuir a uma fonte única a origem de algo tão complicado como a religião. Se a psicanálise é compelida — e é, na realidade, obrigada — a colocar toda a ênfase numa determinada fonte, isso não significa que esteja alegando ser essa fonte a única ou que ela ocupe o primeiro lugar entre os numerosos fatores contribuintes. Somente quando pudermos sintetizar as descobertas dos diferentes campos de pesquisa é que se tornará possível chegar à importância relativa do papel desempenhado na gênese das religiões pelo mecanismo estudado nessas páginas. Essa tarefa está acima dos meios de que dispõe um psicanalista, assim como de seus objetivos (FREUD, 1996, p. 125).

Essa interpretação freudiana acerca da religião influenciou profundamente diversos pesquisadores que investigam o fenômeno religioso,

tais como: Wilhelm Reich, Erich Fromm, René Girard, Herbert Marcuse (CRUZ, 2004). A interpretação de Freud, sobre religião, evidentemente, é muito mais complexa e detalhada do que esta apresentação pode sugerir, porém, sua contribuição original já pode ser vislumbrada.

Freud (2018) defendeu que por mais que a sociedade atinja um alto nível de desenvolvimento material, esta, muito possivelmente, não dominará plenamente a natureza e sempre restará um algo a mais que não foi conquistado a ser conquistado. Logo, frente ao indomável da natureza, os indivíduos criam a religião objetivando abrandar seu desamparo, seguindo o modelo há um só tempo onto e filogenético de relacionamento com o Pai. Para Freud,

Do mesmo modo, um homem transforma as forças da natureza não simplesmente em pessoas com que pode associar-se como seus iguais – pois isso não faria justiça à impressão esmagadora que essas forças causam nele –, mas lhes concede o caráter de um pai. Transforma-as em deuses, seguindo nisso [...] não apenas um protótipo infantil, mas um protótipo filogenético (2018, p.26).

Desta forma, não somente a relação assimétrica “filho-pai” ou “irmãos-pai primevo” é deslocada para a religião, e sim, também, as ambivalências (amor-ódio, veneração-medo, desejo de matar-culpa, etc.) que essa relação pressupõe. Freud já havia discorrido sobre essa questão em “Totem e Tabu”, defendendo que:

[...] ao concluir [...] esta investigação excepcionalmente condensada, gostaria de insistir em que o resultado dela mostra que os começos da religião [...] convergem para o complexo de Édipo. isso entra em completo acordo com a descoberta psicanalítica de que o mesmo complexo constitui o núcleo de todas as neuroses [...] (2013, p.159).

Muito para além de um deslocamento do complexo de Édipo, a religião tem por objetivo, também, abrandar a angústia real que a consciência da finitude da vida provoca no sujeito e seu desamparo existencial, que se relaciona com a morte do Pai primeiro. Parte do arcabouço do discurso e prática religiosa decorre do desamparo original do sujeito (com o assassinato do Pai primeiro e antropofagia, restou à culpa e esse desamparo); sendo essa uma das principais causas que levaram os indivíduos a erguerem a civilização, bem como, também, uma das principais causas para as realizações da civilização. Nesses dois casos,

o desamparo original é algo extremamente objetivo e relacionam-se tanto com a morte do Pai primeiro quanto com a impotência do homem diante das forças naturais (FREUD, 2013). Em outras palavras, digamos que esta fraqueza do sujeito diante da natureza não leva somente às realizações materiais através do trabalho, visto que, leva, também, às “realizações espirituais”, dito deste modo, da civilização, entre as quais a religião.

Em relação à morte, por exemplo, os indivíduos ao elaborarem suas construções religiosas criam, também, uma forma de vencerem a morte, fazendo dela não o fim, e sim, “o começo de um novo tipo de existência que se acha no caminho da evolução para algo mais elevado.” (FREUD, 2018, p.31). Logo, a religião é compreendida como de extrema relevância a estruturação da vida subjetiva, sendo tratada como um manancial normativo que precisa ser interiorizado pelo sujeito, contribuindo, portanto, na construção de seu “super eu” (FREUD, 2018, p.19).

Para Freud (2018), a religião é sedução e um convite à imortalidade, amparo, proteção e, também, resposta inocente para um sujeito subordinado à imprevisibilidade do seu desejo. Parece necessário então discorreremos brevemente acerca da noção de pai em psicanálise⁹ como auxílio para compreendermos a alteridade de Deus e a a persistência da Religião.

O Pai simbólico enquanto a figura paterna de Deus.

Essa posição de Freud acerca da religião é de suma importância para compreendermos a condição de figura paterna de Deus no inconsciente coletivo. Para ilustrar a figura paterna de Deus, figura de alteridade, que exercia uma posição de exceção, de onde emanava a legitimação para toda autoridade social e foi fundamentação para o desenvolvimento da cultura Ocidental. Araujo (2013) nos fornece um importante exemplo. Segundo ela, quando a civilização estabeleceu o mandamento de que o sujeito não podia matar o próximo (o qual ele odeia ou que se interpõe em seu caminho, ou cuja propriedade ele ambiciona), o interesse é da existência comunitária dos homens que, de outra forma, seria impraticável. Crespi, também discorre acerca dessa autoridade que emanava de Deus com o seguinte exemplo, quando a religião é usada para legitimar o poder imperial:

⁹ “O que é um Pai? é a questão proeminente do legado freudiano. Lacan relê, no Édipo proposto por Freud, de que modo essa instância é operada, e demonstra como o Pai da religião judaico-cristã sucede os Deuses pagãos do mundo grego, alterando a ordem simbólica na cultura, instalando a possibilidade de criação do porvir e produzindo a conseqüente responsabilidade pelo não-sabido. Nesse sentido a Psicanálise é uma construção decorrente dos operadores simbólicos dessa tradição” (MAFRA, S/A, p.1).

[...] Desse modo, a religião institucional foi perdendo progressivamente a sua função de sinal de contradição com relação à lógica de dominação que reina no mundo. Já no século IV, o bispo Eusébio de Cesaréia, ao afirmar que o poder do imperador era a imagem terrena da autoridade de Deus, tranquilizava Constantino Magno quanto ao fato de o monoteísmo cristão, longe de incentivar a revolta, compensavam os pagãos, teria oferecido, pelo contrário, a base de legitimação do absolutismo da autoridade imperial (CRESPI, 1999, p. 19-20).

Assim, segundo Araújo (2013) o pai primitivo, destacado por Freud, foi à imagem original de Deus, o modelo sobre o qual as gerações posteriores formaram a imagem de Deus e assim dotavam de sentido a realidade, o mundo e, por exemplo, legitimavam autoridade terrena a partir dessa autoridade paterna de Deus. A existência do Pai primitivo, segundo Freud (2018), Deus, que tudo pode, possibilita que os indivíduos deem sentido a realidade: sentido a morte, ao sexo, a vida e etc.. Pois, diante das erupções do real, existe alguém que sabe e que elabora e cuida do destino dos sujeitos, ou seja, Deus. Contudo, Freud apostava no declínio da religião, visto que “os seres humanos não podem permanecer crianças para sempre. Têm de, por fim, sair para a vida hostil” (2018, p. 64).

Segundo Freud (2018), seguindo na ilustração do pai primitivo, Deus, ainda na fase de crescimento, no momento em que o indivíduo percebe que está destinado a continuar sendo uma criança para sempre, incapaz de proteger-se contra as estranhas forças superiores, passa a imputar estas forças à figura de seu pai. Passa, então, a idealizar para si deuses de quem aguarda proteção, passando a agradá-los para obter proteção ao mesmo tempo em que os teme. O desejo dos indivíduos por um pai é um motivo idêntico à sua necessidade de proteção contra as consequências das fragilidades humanas. A defesa contra o desamparo infantil é o que dá aspectos característicos à reação do adulto ao desamparo. Trata-se de uma procura humana do individual para o coletivo. Freud demonstra que “a origem da atitude religiosa poder ser remontada até o sentimento de desamparo infantil” (2018, p. 26). E prossegue defendendo que: “o desamparo do homem porém permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai constitui motivo idêntico à sua necessidade de proteção contra a debilidade humana” (FREUD, 2018, p. 33).

Desse desejo de proteção paterna, Freud (2013) faz referência a uma concepção darwiniana de um pai violento, enciumado, guardando todas as fêmeas e expulsando seus filhos à medida que cresciam, no Mito do Pai

da horda primitiva. Segundo ele, esses filhos, ainda que vivessem sob uma tirania sexual forçada, excluídos, mantinham força entre si que lhes permitiam contestar o despotismo paterno. Certos de suas convicções, tomaram a decisão de condenar o pai à morte para, posteriormente, devorarem-no. Os filhos preservavam um sentimento ambivalente com o pai, isto é, detestavam o pai por esse interditar que aqueles realizassem seus desejos e suas exigências sexuais, no entanto, ao mesmo tempo, tinham pelo pai amor e admiração. Depois de matarem o pai e o devorarem (consequentemente uma identificação com o pai por conta do ato canibalístico), caíram no arrependimento e se sentiram com remorsos e culpados. Segundo Freud,

Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim fim à horda patriarcal. Unidos, tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem sucedidos no que lhes teria sido impossível fazer individualmente [...]. Selvagens canibais como eram, não é preciso dizer que não apenas matavam, mas também devoravam a vítima. O violento pai primervo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo parte de sua força (FREUD, 2013, p. 145).

O pai, agora morto, tornava-se mais poderoso do que jamais foi enquanto estava vivo. E, dessa forma, o que o pai tinha interditado, por sua existência, começou a ser internalizado pelos filhos como regra de convivência entre eles. Os próprios filhos se impediam de cumprir suas próprias exigências e desejos sexuais, devido essa “obediência retrospectiva”. Nas palavras de Freud,

[...] o pai morto tornou-se mais forte do que o que fora vivo. [...] O que até então fora interdito por sua existência real foi doravante proibido pelos próprios filhos. [...] Anularam o próprio ato proibindo a morte do totem, o substituído do pai; e renunciaram aos seus frutos abrindo mão da reivindicação às mulheres que agora tinham sido libertadas. Criaram assim, do sentimento de culpa filial, os dois tabus fundamentais do totemismo, que, por essa própria razão, correspondem inevitavelmente aos dois desejos reprimidos do Complexo de Édipo. Quem quer infringisse esses tabus tornava-se culpado dos dois únicos crimes pelos quais a sociedade primitiva se interessava (o homicídio e o incesto) (FREUD, 2013, p. 146).

Vale ressaltar que a perspectiva de pai, segundo a psicanálise, não é daquele que investe a paternidade comum, a encarnadura de um homem, pois isto não garantiria um pai investido do legítimo poder. Em um conceito

próprio, trata-se do “operador simbólico a-histórico” e é nesse sentido que nos referimos à paternidade de Deus. Essa função do pai simbólico é parte essencial da psicanálise. Seu traço estruturante se funda em um princípio estrutural, onde existe um sistema governado por leis internas (ARAÚJO, 2013). Dentro de um sistema, basta que um elemento se mova para que a lógica reguladora do conjunto de todos os outros também se modifique. Segundo Araujo,

O pai não é referido numa perspectiva de evolução histórica, não está submetido à ação de uma história, mas se encontra inscrito no ponto de origem de toda a história. O pai encarnado no real representa o governo do pai simbólico, é encarregado de assumir a representação dessa autoridade junto à comunidade estrangeira mãe-filho. O pai encarnado no real deve fazer valer a lei do pai simbólico, que é antes de mais nada a lei da proibição do incesto (2013, s/p).

Este pai primitivo freudiano, de fato, desempenhou um papel na gênese desta proibição; foi sua influência, e não uma percepção das necessidades sociais que a criou. Isto é, Deus ocupava a função de exceção, era alteridade e ordenava assim o caos, servindo de sustentação para o florescimento da cultura Ocidental. Até que essa figura paterna, o pai primitivo (FREUD, 2018), ou o Deus fundamento último e metafísico, foi paulatinamente perdendo a plausibilidade e sendo questionado, tal qual “profetizado” pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche através da metáfora da “morte de Deus” (NIETZSCHE, 2001).

Ainda discorrendo acerca do pai simbólico da psicanálise, para ilustrar sua importância tanto para a psicanálise quanto para a compreensão do fenômeno religioso, vejamos Lacan (2005a) em sua definição de Pai, constituindo sua teoria a partir de uma releitura de Freud. Ele apresentou o entendimento de Freud quando escreveu em *Totem e Tabu* (2013) e a interiorização dos interditos essenciais para que uma comunidade social possa emergir da relação primeira, mãe/filho/pai, na tentativa de operar e se inscrever numa cultura. Para Lacan (2005a) o estatuto de pai simbólico se designa de Nome-do-Pai, isso se dá em uma operação simbólica: a metáfora do Nome-do-Pai. Segundo ele, o indivíduo, ainda na infância, substitui o significante do desejo da mãe pelo significante do Nome-do-Pai, atribuindo ao pai um estatuto original.

O Nome-do-Pai é localizado por Lacan no centro do simbólico¹⁰, visto que, “a atribuição da procriação ao pai só pode ser efeito de um significante puro, de um reconhecimento, não do pai real, mas daquilo que a religião nos ensinou a invocar como o Nome-do-Pai” (LACAN, 1998a, p. 562). Segundo Lacan,

[...] se esse Deus-sintoma, esse Deus-totem tanto como tabu, merece que nos detenhamos na pretensão de fazer-se dele um mito é na medida em que ele foi o veículo do Deus de verdade. É por seu intermédio que a verdade sobre Deus pôde vir à luz, isto é, que Deus foi realmente morto pelos homens, e que, a coisa tendo sido reproduzida, o assassinato primitivo foi redimido. A verdade encontrou sua via por meio daquele que a Escritura chama certamente o Verbo, mas também o Filho do Homem, confessando assim a natureza humana do Pai (1988a, p. 221).

A importância atribuída à religião e as experiências religiosas com um todo pela psicanálise, falo mais especificamente de Freud, Lacan e Lebrun, é um importante legado. Sobretudo, no entendimento de que a religiosidade atua ou atuou, como discutiremos, na e para a inibição de instintos mais primitivos dos indivíduos, abrandando seus desamparos. Neste sentido, a religiosidade possibilita e é uma garantia de convivência social, trata-se de uma enorme força maior que assume um caráter paterno caracterizando a imaturidade da condição humana na sua existência dependente, isto é, dependente da figura de exceção, da alteridade, ao menos foi assim até os tempos atuais. Freud (2018), por exemplo, reconhece que sem Deus, deuses ou deusas, a vida se torna insuportável, por gerar e nutrir emoções, sobretudo, os desejos mais primitivos dos indivíduos. Quase que um entendimento de que a religião ainda é um mal necessário.

Para Freud a ciência ocuparia o lugar da religião, que na sua concepção era uma ilusão a ser superada pelo saber científico (BITTENCOURT, 2017).

¹⁰ “Termo extraído da antropologia e empregado como substantivo masculino por Jacques Lacan, a partir de 1936, para designar um sistema de representação baseado na linguagem, isto é, em signos e significações que determinam o sujeito à sua revelia, permitindo-lhe referir-se a ele, consciente e inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização. Utilizado em 1953 no quadro de uma tópica, o conceito de simbólico é inseparável dos de imaginário e real, formando os três uma estrutura. Assim, designa tanto a ordem (ou função simbólica) a que o sujeito está ligado quanto à própria psicanálise, na medida em que ela se fundamenta na eficácia de um tratamento que se apoia na fala” (ROUDINECO; PLON, 1998, p. 714).

Sua concepção sobre a religião se fundamentava na ideologia cientificista, visto que, ele defendia que, com desenvolvimento da ciência, a religião iria entrar em declínio. Assim como diversos pensadores da época, ele acreditava que a ciência dissiparia a paixão pela ignorância que caracteriza a religião, ou seja, seu obscurantismo.

Para Freud a religião é uma ilusão não, necessariamente, por conta de ser falsa ou irrealizável e contraditória à realidade, e sim, por ela se originar dos desejos humanos, ou seja, “podemos [...] chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação” (FREUD, 2018, p.50). Sendo assim, ela é antagônica ao pensamento e à atitude racional-científica. Logo, Freud, defende a razão em detrimento da religião, todavia, sem ter ilusões quanto aos limites da razão e da ciência. Segundo ele “nossa ciência não é uma ilusão [...] ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar” (2018, p.87). A filosofia contemporânea, também, já vinha assinalando as limitações do nosso saber, mostrando a impossibilidade em que nos achamos de referir-nos a fundamentos absolutos de verdade ou a critérios universais de racionalidade (CRESPI, 1999, p. 13).

Destarte, para Freud (1974, p. 200), como vimos, a religião ainda é um mal necessário, pois, trata-se de uma ilusão indispensável à civilização por ser um impedimento ao sentimento de culpa gerado pelo assassinato do pai, impedindo assim que os indivíduos se assassinassem por qualquer motivo. Defendia que a religião pertence à dimensão do privado, em particular, do neurótico obsessivo, considerando-a uma experiência subjetiva que possibilita que o indivíduo suporte o peso da vida. Afirmando que o indivíduo religioso é suscetível de ser analisado em termos edípicos, uma vez que, encontra-se completamente submetido à vontade do Deus-Pai.

Não tem como não reconhecermos que a psicanálise tem uma intrínseca relação com a religião. No entanto, Freud recusou essa ligação entre a psicanálise e a religião ao elaborar uma teoria da religião. Já para Lacan a religião é uma questão presente em sua produção teórica. Ao inscrever a prática psicanalítica na função da fala no campo da linguagem, Lacan (1998a) atribui todos os seus efeitos ao simbólico, ou seja, à ordem que articula, para cada sujeito, a linguagem e o parentesco. Segundo Lacan, por exemplo:

O que está em questão é que Freud, quando nos fala do tema da lei moral em Moisés e o monoteísmo, integra-o plenamente a uma aventura que só encontrou, diz ele textualmente, seu pleno desenvolvimento e seu acabamento na trama judaico-cristã. Com respeito às outras religiões, que ele qualifica vagamente de orientais, fazendo alusão, penso eu, a toda a gama, Buda, Lao-Tsé e muitas outras, elas nada mais são – diz ele com uma ousadia perante a qual só nos resta inclinar-nos por mais aleatória que pareça – do que o culto ao Grande Homem. E desse modo as coisas permaneceram no meio do caminho, mais ou menos abortadas, aquém do assassinato primitivo desse Grande Homem (1988a, p. 215).

Em síntese, para Freud, com o desenvolvimento do conhecimento racional e científico ocorreria inevitavelmente o declínio do que ele chamou de ilusões religiosas; já em Lacan, diferentemente de Freud, com o avanço da ciência não haveria a decadência da religião, e sim o oposto, haveria o fortalecimento da religião, com, inclusive, a contribuição do avanço da ciência. Portanto, religião acabaria, afinal, anulando a própria psicanálise, nas palavras do próprio Lacan: “[...] você verá que a humanidade será curada da psicanálise. Por força de mergulhá-lo no sentido, no sentido religioso naturalmente, acabarão recalçando esse sintoma” (2005a, p.67).

Triunfo da Religião

Segundo Lacan (2005a), a religião triunfará, pois, é impossível imaginar a quantidade de poder que emana das experiências religiosas. Para Bittencourt (2017) a posição de Lacan em relação à religião é diametralmente contrária ao posicionamento de Freud, pois, Lacan discorre acerca de um “triunfo da religião”. Enquanto Freud defendia que a ciência superaria a religião, Lacan defendia que a ciência e seu discurso não conseguiram eliminar a prática religiosa, muito pelo contrário, fortaleceriam sua produção.

Lacan defendia que se a psicanálise tiver êxito, nos livrando tanto do real¹¹ quanto do sintoma, como o faz a religião, ela se apagará de ser somente

¹¹ “Termo empregado como substantivo por Jacques Lacan, introduzido em 1953 e extraído, simultaneamente, do vocabulário da filosofia e do conceito freudiano de realidade psíquica, para designar uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar. Utilizado no contexto de uma tópica, o conceito de real é inseparável dos outros dois componentes desta, o imaginário e o simbólico, e forma com eles uma estrutura. Designa a realidade própria da psicose (delírio, alucinação), na medida em que é composto dos significantes foracluídos (rejeitados) do simbólico” (ROUDINECO; PLON, 1998, p. 644-645).

um sintoma esquecido. Contudo, o posicionamento de Lacan, neste caso, é um tanto paradoxal, pois em 1974, na Conferência de Imprensa em Roma, ele declara que a religião “é infatigável” (LACAN, 2005b, p. 79) e que a psicanálise não sobreviverá, exceto no caso dela fracassar na sua função, podendo desta forma permanecer como uma necessidade. Literalmente, por isso paradoxal, a sobrevivência da psicanálise depende de seu fracasso, ou seja, depende do seu fracasso em responder à demanda de reduzir o sintoma e o real (vimos ambos esses conceitos anteriormente). Senão, ela poderá desaparecer.

Segundo Lacan (2005b), o sujeito, na sua perene luta com o real, ainda que tenha todas as explicações da ciência e esforços científicos para interpretar a realidade e o próprio indivíduo, ainda assim têm questionamentos e indagações perturbadoras, as incertezas. Desta forma, a religiosidade continua tendo muita utilidade, isto é, suprir a demanda por certezas, como proteção, para confortar e etc. Para ele, a religião “tem recursos de que sequer se suspeita, basta ver como ela fervilha.” (LACAN, 2005a, p.65). Defendendo que,

[Os religiosos] gastaram um tempo, mas de repente compreenderam qual era sua chance com a ciência. Vão precisar dar um sentido a todas as reviravoltas introduzidas pela ciência. E, no que se refere ao sentido, eles conhecem um bocado. São capazes de dar sentido a qualquer coisa. Um sentido à vida humana, por exemplo. São formados nisso. Desde o começo, tudo o que é religião consiste em dar um sentido às coisas que outrora eram coisas naturais. Não é porque as coisas vão se tornar menos naturais, graças ao real, que se vai parar de secretar o sentido. E a religião vai dar um sentido às experiências mais curiosas, aquelas pelas quais os próprios cientistas começam a sentir uma ponta de angústia. A religião vai encontrar para isso sentidos truculentos. É só ver o andar da carruagem, como eles estão se atualizando (LACAN, 2005a, p.65).

Vejamos, por exemplo, uma ilustração desses sentidos truculentos da religião, que Lacan nos advertiu, explanados por Bittencourt (2017). Trazendo a questão para campo religioso brasileiro, a autora discorre acerca de um testemunho de um trecho do livro de Marcelo Crivella, ex-prefeito da capital Rio de Janeiro e bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, que explicará como toda doença tem uma causa, um vírus ou uma bactéria, definida por ele como uma força do diabo. E, conseqüentemente, por esse motivo, somente pode ser tratada pelo poder do próprio Deus. Segundo a autora, esse exemplo exemplifica bem o que Lacan apontou. Em sua análise, sentido mais truculento que esse, impossível.

Seria possível, então, assegurarmos que Lacan (2005a) estava correto ao proclamar, em 1974, o triunfo da religião, mesmo ele já preconizando as consequências funestas do retorno da religião, defendendo que, “Deus, recuperando a força, acabaria por existir, o que não pressagia nada melhor do que um retorno de seu passado funesto” (LACAN, 2003, p. 533).

Assim, constatamos que para Lacan (2005a), as religiões são tentativas dos indivíduos de modelar a realidade, de dar-lhe um sentido. Lacan destaca que, “Desde o começo tudo o que é religião consiste em dar um sentido às coisas que outrora eram as coisas naturais. [...] A religião é feita para isso, para curar os homens, isto é, para que não percebam o que não funciona” (LACAN, 2005a, p. 72). Dessa forma, fica evidente a relação entre a grande influência do discurso religioso à oferta de sentidos para o que quer que seja. Porém, Lacan faz a seguinte observação: “Saibam que o sentido religioso vai ter um boom do qual vocês não têm a menor ideia. Porque a religião é a moradia original do sentido. Isto é uma evidência que se impõe” (LACAN, 1985, p. 54).

Desta forma, se a incredulidade de Freud acerca do futuro da religião estava relacionada entre as várias formas de neuroses obsessivas, na perspectiva de Lacan era plausível lhe atribuir uma outra qualificação bem mais valorizada, ainda que, o próprio não deixe de tratá-la como uma esquizofrenia coletiva, apesar de reconhecer suas qualidades (LACAN, 2005b, p. 76).

Lacan defendeu que, “Se a religião triunfar, como é o mais provável [...] isso será o sinal de que a psicanálise fracassou. É muito normal que ela fracasse, porque aquilo ao qual ela consagra é muito, muito mais difícil” (LACAN, 2003, s/p), acrescentando que, “[...] a psicanálise não triunfará: sobreviverá ou não” (LACAN, 2003, s/p). Porém, esse seu posicionamento, como já falamos é bem contraditório e paradoxal, pois, por exemplo, ele chegou a afirmar que, atestando em “Ciência e verdade”: “Quanto à religião, ela deve, antes, servir-nos de modelo a não seguir...” (LACAN, 1998b, p. 891).

Lacan, ao ser questionado acerca de se religião triunfaria e, também, acerca da psicanálise, respondeu o seguinte, que a religião triunfaria: “Sim. Não triunfará apenas sobre a psicanálise, triunfará sobre muitas outras coisas também. É inclusive impossível imaginar quão poderosa é a religião” (LACAN, 2005a, p.65). Segundo ele, toda essa força da religião é por conta da sua eficiência em produzir sentido, ou seja, dotar a realidade, o mundo a nossa volta, de sentido. Eficiência essa que, segundo ele, a ciência não tem. Ela e, sobretudo, a psicanálise, tendem a buscar e pesquisar o real e, para Lacan, o “real é o que não funciona” (LACAN, 2005a, p.63).

A ciência, para Lacan (1998b), tem uma inclinação mais para a desordem, para a perturbação, muito mais do que para a harmonização e para apaziguar as angustias dos indivíduos. Para ele, os indivíduos não estão dispostos a viverem suas vidas sem um sentido, ou seja, em um mundo desordenado que não funcione. Segundo Lacan, “[...] O real, por pouco que a ciência aí se meta, vai se estender, e a religião terá então muito mais razões ainda para apaziguar os corações. A ciência é novidade, e introduzirá um monte de coisas perturbadoras na vida de todos” (LACAN, 2005a, p. 65). Pois, não tendo capacidade de dar sentido à realidade, ao mundo, a vida cotidiana dos indivíduos, a ciência criará problemas, perturbações e angústias ao enfrentar o real. Ela provocará tumulto e confusão no contato com o real, abrindo ainda mais espaço para que a religião faça aquilo que somente ela sabe fazer e tem feito há milênios: apaziguar os corações humanos (LACAN, 2005a, p. 65). Visto que, a religião é a doadora de sentido à humanidade. Contudo, ela produzirá sentido na mesma proporção que a humanidade se desespera em convulsões e dores de seu mal-estar (LACAN, 2005a).

Nesse sentido, segundo Lacan, a religião tem, em seu corpo ritual, doutrinário e ético, a eficiência de coordenar e mesmo enfrentar as tensões do cotidiano, como as angústias, os sofrimentos, a ansiedade e o próprio desejo. Ela consegue dar sentido a esses sentimentos diante das dificuldades da vida.

Para Lacan, a prática religiosa se justificaria no introduzir certezas (LACAN, 2005a), sendo a religião uma forma de se vivenciar e perceber o mundo, de forma que poderíamos “enfrentar” o real. Pois, “A religião é feita para isso, para curar os homens, isto é, para que não percebam o que não funciona”, dizia Lacan (2005a, p. 72). Cura esta que se relaciona com o enfrentamento do sujeito pós-moderno com suas demandas desordenadas, com suas angústias produzidas nesse contexto de fortes incertezas e crise de identidades.

Portanto, Lacan (1985, p.251) põe a psicanálise e a ciência sob um mesmo estatuto, o de se apoiar “na falta central em que o sujeito se experimenta como desejo”. Já a religião, diferentemente, tem a eficiência, mesmo que ilusória, de tamponar esta falta.

Lacan (1985), por exemplo, retoma e discute questões apresentadas por Freud, apontando que os elementos da tradição judaico-cristã são constitutivos da ordem simbólica que estrutura a lógica da subjetividade moderna, a partir da função exercida pela instância paterna. Seguindo por esse percurso ele discorrerá do que virá denominar de “Nome-do-Pai”, operador

da fala, efeito do inconsciente estruturado como linguagem e ordenado na análise pelo discurso. Para ele, a falta de sentido, então, seria a causa da angústia humana. Uma angústia que faz parte da existência humana. Angústia que é provocada pelo real (LACAN, 2005b, p. 63). Segundo Murta, parei

Jacques Lacan articula a psicanálise ao Conceito de Angústia do filósofo Soren Kierkegaard. A referência ao Conceito de Angústia produz uma retomada sobre o tema do desejo [...] Lacan interpreta a estrutura da angústia como potência da falta, como ato que atesta que a falta se dá, quando no lugar do objeto a do desejo aparece algo (MURTA, 2011, p. 2).

Já que o real, como vimos, segundo Lacan, é a falta de todo sentido e a causa da angústia, ele se constitui, também, como causa que gera o mal-estar no qual a humanidade está inserida (LACAN, 2005b, p. 75). Para Lacan, como mencionamos, a religião triunfará e se ela triunfar, isso será sinal de que a psicanálise fracassou, sendo muito normal que ela fracasse, porque aquilo ao qual se consagra é muito, muito difícil: o real. Segundo Lacan,

Falei há pouco do real. O real, por pouco que a ciência aí se meta, vai se estender, e a religião terá então muito mais razões ainda para apaziguar os corações. A ciência é novidade, e introduzirá um monte de coisas perturbadoras na vida de todos (2005b, p. 65).

Diante da insustentabilidade do real, Lacan, então, confiava ou na psicanálise ou na religião, todavia, como vimos, mesmo que, paradoxalmente, apostando no triunfo da religião em detrimento da psicanálise, para ele, “A psicanálise não baterá a religião; a religião é imperecível. A psicanálise não triunfará, ela sobreviverá ou não” (LACAN, 2005a, p. 65). Ele entendia a psicanálise como um sintoma do seu tempo e, como tal, sumiria ao se solucionar o mal-estar. Lacan aponta que,

Ela [a religião] encontrará uma correspondência de tudo com tudo. É, inclusive, sua função [...]. O analista permanece aí. Está aí como um sintoma. Só pode durar a título de sintoma. Mas você verá que a humanidade será curada da psicanálise. Por força de mergulhá-lo no sentido, no sentido religioso naturalmente, acabarão recalçando esse sintoma (LACAN, 2005a, p. 67).

Considerações finais

A partir da leitura e entendimento da Religião sob uma abordagem psicanalítica, em especial, em decorrência dos conceitos de Pai primeiro

em Freud e Pai simbólico em Lacan, bem como suas projeções para a mesma; constatamos que a religião permanece forte e vibrante nos dias atuais, embora as grandes narrativas religiosas foram aos poucos sendo questionadas e perdendo impacto e público, mais especificamente as grandes religiões institucionais tradicionais (BERGER, 2009). A religião não sucumbiu a ciência, como advertia Freud, e nem tampouco aniquilou a psicanálise como sugeriu Lacan.

Doravante, os grandes nomes que estudam o fenômeno religioso, por exemplo, a saber: Berger (2009), Luckmann (2014), Hervieu-Léger, bem como, o censo do IBGE de 2012, amplamente discutido por Teixeira (2013), para ficarmos em um exemplo local, de Brasil, que pode facilmente ser dilatado em sua leitura para o contexto de América -Latina, guardada as devidas proporções; a religião fervilha e segue tão forte quanto antes, ainda que apartada, em parte, das instituições religiosas de outrora. O que é perceptível por nossa própria vivência em sociedade, para onde se olhe, vê-se religião pulsante. Sem que isso, necessariamente, tenha decretado a extinção da psicanálise, como discorreu Lacan. Ao menos não até agora.

De fato, a humanidade vivenciou uma gama de transformações que apontaram, erroneamente, para o fim da religião, no entanto, quanto mais rápida ocorriam essas transformações, mais surgiam novas crenças e diversificavam-se as experiências religiosas. Sendo as a busca por experiências religiosas, cada vez mais, comum nos dias atuais. Nisso, precisamos concordar tanto com Freud quanto com Lacan, ambos, como já vimos, já haviam constatado o poder avassalador da Religião.

Podemos então constatar que, sendo a sociedade de hoje tão religiosa quanto à sociedade do passado (BERGER, 2009), a religião triunfou. O oposto, como vimos, do que muitos defendiam e esperavam que, com o advento da Modernidade e posteriormente da contemporaneidade, a religião e religiosidades fossem destruídas, desaparecessem, ao contrário, impulsionou novas formas de religiosidade, construindo ressignificações do crer das experiências religiosas, mesmo em um ambiente de insegurança, marcado por incertezas e individualismo. O que acarretou com que as crenças e experiências religiosas na contemporaneidade fossem cada vez mais voltadas para este mundo, em detrimento de uma dimensão extramundana. A religião se adaptou aos novos tempos e triunfou, ainda que essa religiosidade, aparentemente, esteja cada vez mais apartada da figura paterna de alteridade que discutimos recorrendo à psicanálise, isto é, o Deus metafísico.

Referências

- ARAÚJO I. Z. Religião e Subjetividade. In: **Revista Ciências Humanas**. NITAU. V. 6, n. 1, 2013.
- BERGER, P. **Dossel sagrado**. São Paulo: Paulus, 2009.
- BITTENCOURT, M. V. Psicanálise x Religião: que triunfo? In: **Stylus**. n. 34, Jan. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2017000100008&lng=en&nrm=iso#1a>. Acesso em 06/01/2022.
- CRESPI, F. **A experiência religiosa na pós-modernidade**. São Paulo: Edusc, 1999.
- CRUZ, E. R. **A persistência dos deuses**. São Paulo: Unesp, 2004.
- FREUD, S. **O futuro de uma Ilusão e o mal-estar na civilização**. São Paulo: L&PM, 2018.
- FREUD, S. Uma experiência religiosa. In: **Brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- FREUD, S. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 2013.
- FREUD, S. **O triunfo da religião**. Rio de Janeiro: ZAHAR Editor, 2005.
- FREUD, S. O Instinto e suas Vicissitudes. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. **O futuro de uma Ilusão e o mal-estar na civilização**. São Paulo: L&PM, 2018.
- GONTIJO, J. Considerações sobre Psicanálise e Religião. In: **Psicanálise e religião**. Campo Grande, 2010. Disponível em: <[http://agorainsti.dominiotemporario.com/doc/boletim_03_ano_2010\[1\].pdf](http://agorainsti.dominiotemporario.com/doc/boletim_03_ano_2010[1].pdf)>. Acesso em: 19/01/2022.
- HERVIEU-LÉGER, D. “Secularización y modernidad religiosa”. In: **Selecciones de Teología**, 26 (103), pp. 217-227, 1987.
- HERVIEU-LÉGER, D. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- JONES, E. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 7, A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: ZAHAR Editor, 1988.
- LACAN, J. Televisão. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2003.
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1998a.
- LACAN, J. A ciência e a verdade. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1998b.
- LACAN, J. **O triunfo da religião**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2005a.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1985.
- LACAN, J. **Le séminaire livre XXIII: le sinthome**. Paris: Editions du Seuil, 2005b.

LUCKMANN, T. **A religião invisível**. São Paulo: Loyola, 2014.

MAFRA, T. M. **Lacan e a religião**. São Paulo: Toro de psicanálise, s/a. Disponível em: <http://torodepsicanalise.com.br/site/wp-content/uploads/2017/05/lacan_religiao.pdf> Acesso em: 02/07/2022.

MURTA, C. A angústia e o resto entre Kierkegaard e Lacan. In: MURTA, C.; PESSOA, F. **Angústia em filosofia e psicanálise**. Vitória: EDUFES, 2011.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1998.

TEIXEIRA, F; MENEZES, R. (Orgs.). **Religiões em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2013.

Submetido em: 4-7-2022

Aceito em: 26-12-2022